

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO PELO ESPORTE

PROJETO ESPORTE TALENTO

CENTRO DE PRÁTICAS ESPORTIVAS DA USP

VII Seminário Teorias e Práticas
Sociais com Crianças e Adolescentes
ESPORTE E DESENVOLVIMENTO
HUMANO AO LONGO DA VIDA

06 DE NOVEMBRO DE 2010

CEU UIRAPURU

realização



apoio



CEU UIRAPURU

APRESENTAÇÃO

O Seminário Teorias e Práticas Sociais é organizado anualmente pelo PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO PELO ESPORTE/ PROJETO ESPORTE TALENTO, com o intuito de mobilizar instituições e profissionais que atuam junto a crianças e jovens em torno de questões relevantes, promovendo o diálogo entre pesquisas acadêmicas e a prática pedagógica.

Diante da Década do Esporte e das discussões sobre o legado dos Megaeventos, a 7ª Edição do evento pretende discutir o papel das práticas corporais durante a infância e adolescência e seu impacto na construção de um estilo de vida saudável e ativo na vida adulta.

As nossas crianças e adolescentes de hoje serão, daqui há 10 anos, jovens adultos. Quais serão os saberes, atitudes e hábitos que as experiências físicas e esportivas ajudarão a construir?

Em busca de respostas para esta questão, nas páginas seguintes, você encontra os relatos apresentados neste Seminário nas rodas de diálogo, agrupados em 2 temáticas complementares: *Estudos e experiências na infância* e *Estudos e experiências na adolescência*.

Este é o mote, bem vindo ao debate!

***Equipe do Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte
CEPEUSP / INSTITUTO AYRTON SENNA***

PROGRAMAÇÃO

MANHÃ

8h – Credenciamento

9h – Abertura: *Esporte e atividade física ao longo da vida*

10h às 12h30 – *Esporte e atividade física na perspectiva do ciclo de vida*

Roda de Diálogo 1: Estudos e experiências na infância

Competição e Desenvolvimento: a busca da percepção do educando *Daniela Faus – PRODHE/PET*

Oficina de Lutas e Artes Marciais: lutando pelo desenvolvimento *Henrique Pires – PRODHE/PET*

Programa Ludicidade: Política Pública para o Brincar na Cidade de São Paulo *Leda Martins e Simair Silva - Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação/PMSP*

Desenvolvimento de atividades no contra turno escolar - construindo com a pluralidade e com a sustentabilidade *Sergio A. de Souza, Magna Marta K. Tanque, Teresa Cristina S. Martins e Kátia Maria V. Vicente - Núcleo de Ação Educacional – CEU Caminho do Mar*

A integração tático/técnica no desenvolvimento esportivo de jovens de 10 a 12 anos *Pedro Pahor - PRODHE/PET*

A aprendizagem tática por meio de jogos adaptados e sua contribuição para a atividade física e prática esportiva ao longo da vida *Rodrigo Carioca – PRODHE/PET*

Festival Ruas de Esporte *Kátia Aparecida Pereira Moraes – PRODHE/PET*

Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte – avaliando as competências no grupo Peteleco (08 a 10 anos) *Suzana Cavalheiro e Eduardo Ulian - PRODHE/PET*

Roda de Diálogo 2: Estudos e experiências na adolescência

Entendendo o crescimento e o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes participantes do PRODHE/PET *Eduardo Ulian - PRODHE/PET*

Ensinando cidadania através do futebol *Willian Balduino - CEU Caminho do Mar*

Amigos do CEU *Willian Balduino, Nadir Gonçalves e Rafael Espinha - Núcleo de Esportes e Lazer – CEU Caminho do Mar*

Experiência de um grupo de adolescentes em um curso de “Formação de Recreadores em Jogos Cooperativos” *Daniella Rodrigues e Annette Martucci – Associação Esporte Solidário e Projeto Alavanca-Brasil*

Polo terrestre *Thiago Silva - Ong Indes Projeto Oficina na Piscina*

Programas de Incentivo à prática do Esporte para os Jovens em SP *Marcelo Mendes Castilho
PRODHE - PET*

A construção de uma nova identidade e pensamento crítico em grupo através da participação dos educandos do Projeto Âncora na XII OLIPET *Tassia Cristina Espinosa – Projeto Âncora*

Índice de Desenvolvimento Esportivo *Débora Guimarães de Araujo e Marcos Vinicius Moura e Silva –
PRODHE/PET*

A Utilização do Índice de Desenvolvimento Esportivo em turmas de 13 a 15 anos *Alan Rizério da
Silva Oliveira - Instituto de Psicologia USP e PRODHE/PET*

TARDE

14h às 16h30 – Mesa: Esporte e atividade física para o presente e para o futuro

- **Prof. Dr. Osvaldo Luiz Ferraz/EEFE – USP**

Doutor em Educação pela USP e docente da EEFEUSP, com vasta experiência na área de Educação Física Escolar, em especial, na formação de professores e ensino de educação física na escola.

- **Prof. Dr. Marcelo Massa / EACH – USP**

Doutor em Educação Física pela USP e docente do Curso de Ciências da Atividade Física da EACH – USP, desenvolve estudos sobre crescimento e desenvolvimento humano, esporte infanto-juvenil e treinamento a longo prazo.

- **Profa. Ms. Paula Korsakas / PRODHE – CEPEUSP**

Mestre em Educação Física pela EEFEUSP, e membro da coordenação do Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte – CEPEUSP/Instituto Ayrton Senna.

- **Relatores das rodas de diálogo / PRODHE – CEPEUSP**

ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS NA INFÂNCIA

Competição e Desenvolvimento: a busca da percepção do educando

Daniela Porto Faus

PRODHE/PET

A competição infanto-juvenil tem sido alvo de inúmeras críticas e reflexão dos educadores que pensam o esporte como parte do desenvolvimento humano das crianças. Neste sentido as reflexões a respeito da forma, frequência e objetivos permeiam muitos debates e competições. Para muitos educadores a competição tem que ser pensada para promover o desenvolvimento humano e esportivo e, talvez, deva ter objetivos maiores que o resultado esportivo. Em outras o foco estaria nos resultados. Para António Marques a competição deve ter a criança como sujeito e não o adulto que a organiza. Por isso, esse trabalho busca questionar se para as crianças há diferenças entre as formas de competir.

Para Guirado, no texto “Análise do discurso”, o discurso pode ser compreendido como ato, entendido em sua materialidade palpável. Análise do discurso seria a decomposição deste em suas condições de produção. Por parecer compatível com os objetivos deste trabalho, este foi o método escolhido. E para isso foram feitas entrevistas semi dirigidas e gravadas com dois educandos que participaram de duas competições com objetivos e propostas bem diferentes.

Assim, foram pensadas duas competições nas quais os educandos tiveram exigências e participações distintas: Olimpíadas da Hebraica, em que o educando escolhia apenas uma modalidade, entre futsal ou handebol, e a OLIPET na qual todos os educandos tiveram a possibilidade de jogar as seis modalidades: handebol, futsal, basquete, vôlei, dodgebol e peteca. Além disso, na primeira competição um educador era responsável por organizar a equipe: quem joga, como se marca etc. Além de ter um regulamento que preve a premiação dos três primeiros lugares. Na segunda competição os educandos deveriam se organizar de

forma autônoma a partir do IDE¹ e apenas uma comparação entre o desempenho da equipe com as demais sem uma premiação diferenciada.

A pesquisa esta em andamento, por isso não é possível apresentar os resultados totais. No entanto, algumas falas chamam atenção. Durante o discurso a respeito da OLIPET a posição permeou toda a fala de um dos educandos, o que não acontece no discurso a respeito da Hebraica. É interessante pensar que na OLIPET, ao contrário das Olimpíadas da Hebraica, não há colocação entre as equipes.

Oficina de Lutas e Artes Marciais: lutando pelo desenvolvimento

Henrique Arthur Siqueira Pires

PRODHE/PET

A prática de lutas, comum desde épocas remotas, vem conquistando cada vez mais atenção no âmbito da educação sob a forma das artes marciais e modalidades esportivas de combate (CORREIA e FRANCHINI, 2010). Em concordância com isso, BÄCK et al. (1982) sugerem o potencial de algumas formas de lutar com vistas ao desenvolvimento de valores positivos e habilidades para o bom convívio social. Sobre o tema, ainda, outros autores apontam as lutas como possíveis ferramentas educacionais (cf. FRANCHINI e DEL'VECCHIO, 2007; BÄCK, 2009; GAUTHIER, 2009; HACKNEY, 2010). Visto que brincadeiras turbulentas e algumas formas simbólicas de lutar também emergem na infância (MANOEL, 2001), parece pertinente que atentemos à referida manifestação, contemplando-a sob a ótica da educação e do Desenvolvimento Humano.

Na prática pedagógica aqui mencionada, o objetivo fora o de discutir, juntamente aos educandos, as possibilidades do lutar enquanto meio para a educação e Desenvolvimento Humano.

¹ IDE – Indicice de Desenvolvimento Esportivo é um número de 1 a 3 mostra como ele esta esportivamente em relação ao grupo. Essa classificação é feita pelo educando junto ao educador a partir de dez perguntas que contemplam habilidades emocionais, conhecimento das modalidades, habilidade no jogo e capacidades sociais.

A referida prática consistiu em uma oficina conduzida na IV Semana da Criança e do Adolescente, organizada no Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP) pelo Programa de Desenvolvimento Humano Pelo Esporte/ Projeto Esporte Talento (PRODHE/ PET). A oficina contou com uma dezena de crianças com idades entre 9 e 12 anos, sendo constituída de uma roda inicial com uma discussão sobre “o que é lutar”, utilizando-se de diferentes fotos apresentando as múltiplas facetas da manifestação (e.g., desde aspectos das artes marciais tradicionais, competições olímpicas em modalidades esportivas de combate e atividades educacionais envolvendo lutas até brigas e espetáculos midiáticos). Na seqüência, uma primeira atividade em duplas, incluindo massagem, foi utilizada como estratégia de aquecimento e para a discussão de valores referentes ao respeito e zelo ao tocar outrem – visto que a intencionalidade do toque, como aponta PIRES (2010), pode ser prevista como uma das principais questões a se atentar nas Lutas. Ato contínuo, foram utilizados *jogos de ocupação de território, jogos de atenção e agilidade e jogos de conquista de objetos* (ver OLIVIER, 2000) em duplas, envolvendo habilidades de puxar e empurrar, atacar e defender, deslocar-se para avançar e evadir, juntamente com conceitos básicos de posicionamento, distância e *timing*. Finalmente, foram utilizadas atividades de *auto-testagem* (ver FRANCHINI et al, 1995) para a exploração de diferentes formas de toque em alvo específico (um colchonete adaptado) manipulado pelo outro integrante da dupla.

No decorrer da prática, os educandos se mostraram motivados e envolvidos com todas as atividades propostas. Os educandos manifestaram poucas dificuldades no âmbito das habilidades motoras, ficando às habilidades intra e interpessoais alguns dos maiores desafios. Alguns educandos relataram a dificuldade, por exemplo, de perceber o outro – o que, no contexto dos jogos de luta, se evidencia como uma fragilidade estratégica –, ao passo que outros dois iniciaram conflito por interpretarem um tocar de qualidade impetuosa, embora acidental, como símbolo de afronta. O referido episódio, e talvez um dos mais ricos da prática pedagógica, contou com a antecipação de qualquer confronto físico e uma rápida intervenção. Conversando com os educandos, ficou posta a questão da inevitabilidade do toque nas lutas e, portanto, da necessidade de atentar ao companheiro de atividade, bem como de respeitá-lo. Outra questão emergente, diz respeito às emoções

turbulentas que tomam palco no que CORREIA e FRANCHINI (2010) definem como uma “metáfora de guerra”: valendo-se do ensejo do conflito, o lutar, até então interpretado como troca de golpes por parte dos educandos, passou a ser discutido sob uma perspectiva de “lutar” contra emoções negativas (i.e., ira, ressentimento, impaciência, etc.). A analogia mostrou-se útil não apenas para a mediação do conflito – que foi solucionado rapidamente–, mas também para um debate sobre as “múltiplas formas de lutar” que nos são possíveis.

Sobre isso, algumas idéias tomaram forma na roda de discussões finais, contando com a participação dos educandos. Destacando um lutar para o Desenvolvimento Humano, diferenciamos *a priori* “luta” de “briga”, onde entendemos o lutar como uma manifestação construída através de zelo e respeito mútuo – i.e., lutar *com* alguém, e não *contra* alguém. Assim, o diálogo estabelecido revelou um lutar que perpassa as habilidades e valores, rumo ao Desenvolvimento Humano.

Referências bibliográficas

- BÄCK, A.; KIM, D.; TAYLOR, R. L. Pacifism and the Eastern Martial Arts. **Philosophy East & West**, Vol. 32, No. 2, pp. 177-186, Apr. 1982.
- BÄCK, A. The Way to Virtue in Sport. **Journal of Philosophy of Sport**, Vol. 36, pp. 217-237, 2009.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI E. Produção acadêmica em lutas, artes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.01-09, jan./mar. 2010.
- GAUTHIER, J. Ethical Issues in Combat Sports. Should Combat Sports be banned? In: Kordi et al. **Combat Sports Medicine**. London: Springer, pp. 73-88, 2009.
- HACNEY, C. H. La filosofía aristotélica de las artes marciales. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, Vol. 5, No. 1, pp. 7-18, 2010.
- MANOEL, E. J. et al. A dinâmica do comportamento motor, sua aprendizagem e história natural em crianças: implicações para a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 4, p. 33-48, 2001.
- OLIVIER, J-C. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola**. Editora Artmed. Porto Alegre, 2000.
- PIRES, H. A. S. **A ética nas lutas: uma proposta de reflexão crítica com base na teoria moral**. Monografia (Bacharelado em Educação Física) Universidade de São Paulo, 108 p., 2010.

Programa Ludicidade: Política Pública para o Brincar na Cidade de São Paulo

Leda Sueli de Arruda Martins e Simair Silveira Arruda da Silva

Prefeitura Municipal de São Paulo – Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação

INTRODUÇÃO

Inserido no Núcleo de Lazer da Coordenadoria de Programas e Projetos de Esporte e Lazer da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de São Paulo - SEME, o Programa Ludicidade tem como missão propiciar o acesso da população ao lazer, utilizando-se do brincar e de atividades lúdico- recreativas diversificadas, em projetos que visem integrar espaços públicos e comunidade, estimulando o desenvolvimento de atividades que propiciem momentos de convívio e integração entre crianças, adolescentes e adultos, sem distinção de idade, sexo, raça, etnia.

As ações do programa Ludicidade são usufruídas principalmente por crianças e adolescentes e suas famílias, sendo abertas a todas e quaisquer pessoas que queiram usufruir do lazer por meio do brincar e de atividades lúdico – recreativas.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Implementar uma política pública de lazer e recreação, direitos reconhecidos em diversos marcos legais nacionais e internacionais, tendo como instrumentos, o brincar, jogos e brincadeiras tradicionais, atividades lúdico-recreativas e socioculturais.

Objetivos Específicos: Contribuir para a formação de ludo - educadores; implantar brinquedotecas / espaços de brincar em equipamentos da SEME, em praças ou outros espaços públicos; assessorar a implantação de brinquedotecas/espaços lúdicos; incentivar a participação voluntária da população nas atividades lúdicas; fomentar a convivência familiar e comunitária; promover a itinerância do brincar pela cidade, em especial nas comunidades carentes de recursos de lazer e recreação.

DESENVOLVIMENTO

Desde 1997, a SEME investiu na formação de seus profissionais, visando à implementação de brinquedotecas. Nesse ano, foi criada a Brinquedoteca do Centro de Convivência Infantil- CCI Cora Coralina que atendia os filhos dos Servidores da Secretaria de Esportes e de outras

Secretarias. Em março de 2000, "Projeto Piá", no Clube Raul Tabajara, atendendo 200 crianças daquela comunidade.

No segundo semestre de 2001, surge o programa Ludicidade e são inauguradas as primeiras brinquedotecas nos clubes: Mooca, Ipiranga e Cambuci. Em 2004 existiam 17 brinquedotecas, espalhadas pela cidade. Com a inauguração do Ônibus Brincalhão, em agosto de 2004, o Programa ganhou mais um reforço: uma brinquedoteca itinerante para percorrer a cidade levando o lazer para crianças de todas as idades.

Em dezembro de 2009, havia 15 brinquedotecas implantadas em Clubes Escola, cada uma delas apresentando características próprias, de acordo com as possibilidades locais.

Em janeiro de 2010, realizou-se o chamamento público, visando estabelecer parceria com o Terceiro Setor, na gestão de 20 brinquedotecas e assim alcançar a efetivação dos objetivos e das metas estabelecidas pelo programa Ludicidade, e, no momento, 21 Clubes Escola possuem brinquedotecas, em razão da celebração de convênio entre a SEME e Organizações Não Governamentais, em maio desse ano.

RESULTADOS

• A Itinerância do brincar

A grande demanda do Programa é a Itinerância, cujo Ônibus Brincalhão atrai a atenção das pessoas. A itinerância com o Ônibus Brincalhão e/ou com a Tenda do Brincar cumpriu os objetivos do programa de levar brincadeiras e atividades lúdicas diversas a locais da cidade, especialmente àqueles carentes de equipamentos de lazer e recreação. Ajudou a promover a valorização do espaço público ao incrementar as opções de lazer por ele oferecidas à população e pudemos claramente observar a satisfação estampada nos rostos das pessoas ao vencerem os desafios das brincadeiras e jogos, ou, ainda a relembrares brincadeiras de infância, no caso dos adultos e poderem brincar com seus filhos, sobrinhos, amigos, ou mesmo sozinhos.

• As Brinquedotecas

Como pontos fortes do programa, podemos citar que a existência da brinquedoteca incrementa a freqüência de crianças, adolescentes e suas famílias nos clubes da SEME. Podemos perceber significativo aumento da freqüência quando da regularidade da abertura do espaço, sem sofrer solução de continuidade.

A experiência de cada brinquedoteca, e as impressões de seus protagonistas: coordenadores, brinquedistas, crianças e familiares dão vida própria a cada um dos espaços, preservando a cultura e a individualidade de cada um dos grupos formados.

QUADRO DOS ATENDIMENTOS 2001- junho/2010

O quadro abaixo mostra o atendimento alcançado pelo programa Ludicidade nas brinquedotecas em funcionamento, nos projetos e eventos do calendário oficial e na itinerância pela cidade, do Ônibus Brincalhão / Tendas do Brincar.

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
253	503	11.699	34.920	14.789	14.800	10.306	20.481	34.860	12.473	155.084

Considerações Finais

O lúdico é indiscutivelmente uma ferramenta importante para aproximar as pessoas, que aprendem e ensinam entre si, resgatando saberes que perpassam no tempo e espaço, modificando esses saberes, criando e alimentando a cultura lúdica, que, ao mesmo tempo em que referencia a ação das pessoas é, concomitantemente, reconstruída pelas peculiaridades individuais e coletivas.

O programa Ludicidade tem conseguido concretizar seus objetivos e metas, caminhando por tornar suas atividades opção de lazer à cidade de São Paulo, possibilitando a vivência de momentos coletivos de lazer e cultura, de convivência com a diversidade e de resgate de jogos e brincadeiras que passam de geração a geração e caminhando para uma “Revolução do Lúdico”, nas palavras de Lorenzetto:

“A competição, a arte, o jogo e as brincadeiras mostram o ser humano em busca de si mesmo, tentando garantir sua sobrevivência, conquistar sua felicidade e alcançar uma real qualidade de vida. Se alguém deseja conquistar esta situação, é necessário caminhar na direção de uma Revolução do Lúdico, baseada na esperança, no desafio, na liberdade, nos conflitos, no amor, na alegria, na cooperação, na beleza e na imaginação.” **LUIZ ALBERTO LORENZETTO - Uma Revolução do Lúdico e a Qualidade de Vida.**

Referências bibliográfica

ALMEIDA, G.; Brandão H.; Oliveira J. e Campos, O. (autoras). *O Lúdico: Hora de Ensinar X Hora de Brincar*. Texto tirado da Internet: unebxi.vilabol.uol.com.br/g5a.htm.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

- BRASIL. *ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069, de 13/07/1990.
- BROUGÉRE, Gilles. *“Brinquedo e Cultura”*. São Paulo: Cortez, 1995.
- FERRAZ, O. L. A. *A Ludicidade e o Ensino do Desporto*. In: Go Tani, Jorge Olímpio Bento, Ricardo Demétrio de Souza Petersen (Editores), *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p. 262-266,2006.
- FRIEDMANN, Adriana. *“A criança na brinquedoteca”*. Revista do Professor de Educação Infantil, v. 7, 1994.
- _____. (org). *“O direito de brincar: a brinquedoteca*. São Paulo: Scritta, 1998, 4ª edição.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *“O jogo na educação infantil.”* São Paulo: Pioneira, 1994.
- _____.(org.). *“O Brincar e suas Teorias.”* São Paulo: Editora Pioneira, 2002.
- LUCKESI, C.C. *“Ludicidade e Atividades Lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna.”* Texto obtido através do website de Cipriano Carlos Luckesi.
- ONU. *Declaração Universal dos Direitos das Crianças, 1989*
- ONU. *Convenção Internacional dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes,1989,*
- PERISSÉ, G. *“A Arte de Brincar e o Fanatismo.”* Artigo publicado em Correio da Cidadania, em 01/03/2004.
- REDIN, E. *“O Espaço e o Tempo da Criança”*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004, 5ª edição.

Desenvolvimento de atividades no contra turno escolar - construindo com a pluralidade e com a sustentabilidade

Sergio A. de Souza, Magna Marta K. Tanque, Teresa Cristina S. Martins e Kátia Maria V. Vicente

Núcleo de Ação Educacional – CEU Caminho do Mar

O CEU Caminho do Mar está localizado no Jardim Lourdes, no “Distrito do Jabaquara”, um dos bairros de maior densidade populacional da cidade de São Paulo, onde vivem 260.000 pessoas em 15 km². Na região existem 67 favelas, muitas das quais em situações bastante precárias de salubridade e vulnerabilidade social.

O CEU é um conjunto formado por 3 escolas, teatro, ginásio poliesportivo, 3 piscinas, biblioteca e Telecentro. É um complexo educativo, desportivo e cultural que oferece à população acesso a entretenimento, cultura, educação básica e profissional, intervindo na comunidade e transformando as condições de vida da comunidade.

A análise das condições culturais e sociais do entorno nos indicou a necessidade de um projeto educativo capaz de estimular a pluralidade cultural, o desenvolvimento do protagonismo juvenil, as relações comunitárias e a responsabilidade com o meio ambiente.

Nosso projeto baseou-se no programa municipal “Desenvolvimento de Atividades no Contraturno Escolar”, cujo objetivo é uma ampliação do universo cultural dos alunos e a produção de um espaço que mantenha os alunos distantes de situações de risco, através da oferta de oficinas por ONGs conveniadas com a Prefeitura.

Temos dois objetivos prioritários: manter o aluno no espaço educativo e longe de situações de risco e utilizar seu tempo com atividades que permitam uma melhoria das condições de vida.

O Programa está voltado aos alunos de 4 a 14 anos e, no desenvolvimento das atividades enfocamos três faixas etárias distintas, seguindo as divisões da escola regular (até 6 anos, de 7 a 10 anos e a partir de 11 anos). Para as crianças com a faixa etária de 4 a 6 anos, as oficinas estão associadas a atividades que buscam o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo, por meio do brincar, do cantar, do ouvir e contar histórias e atividades corporais, tendo como premissa as orientações curriculares da Educação Infantil.

As oficinas permitem às crianças o contato com modalidades esportivas distintas daquelas da escola (como ginástica artística, vôlei, basquete ou natação), atividades artísticas (teatro, dança, artes plásticas) e da cultura popular (circo, capoeira, teatro de mamulengos, maculelê e maracatu)

As atividades favorecem a construção de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que contribuem com o desenvolvimento do aluno e estão relacionadas ao Projeto Pedagógico do CEU, cujos pontos centrais são a diversidade cultural e a sustentabilidade.

Além das oficinas, são propostas atividades que permitam às crianças tomar contato com outras realidades, como concertos musicais, apresentações de cinema e de teatro, visitas a museus e parques.

No início do projeto, entre outubro de 2008 e janeiro de 2009, 570 crianças participaram do projeto; em 2009, este número cresceu para 677 alunos e, no momento, temos 820 alunos.

Um dos objetivos do projeto é que as crianças entrem no CEU com 3 anos (no primeiro estágio da Educação Infantil) e permaneçam até os 14 anos (saída do Ensino Fundamental). Por isso, o ciclo de avaliação somente estará completo depois de 11 anos.

Os sistemas de avaliação do rendimento escolar existentes são um instrumento valioso, porém não permitem a compreensão do desenvolvimento global do aluno, afinal a mudança de comportamentos, como a construção de atitudes colaborativas, a participação social e a busca de formas não violentas de comunicação têm um caráter qualitativo, e nem sempre contínuo, e que necessita um olhar capaz de perceber, as pequenas mudanças contidas nas ações do cotidiano.

A integração tático/técnica no desenvolvimento esportivo de jovens de 10 a 12 anos

Pedro Ivo Pahor Pereira da Costa

PRODHE/PET

1. INTRODUÇÃO

O grupo Pequeninos, do Programa de Formação e Estudo em Desenvolvimento Humano pelo Esporte (PRODHE) de 2010, é formado por meninos e meninas nascidos em 1998 e 1999, ou seja, com 10, 11 ou no máximo, 12 anos de idade.

Analisando essa faixa etária através da Teoria Cognitiva foi desenvolvida pelo suíço Jean Piaget, temos que esse grupo se encontra entre o estágio das operações concretas e das formais, sendo que a primeira, segundo o autor, vai dos 7 aos 11 anos e a segunda dos 11 aos 15.

A fase das operações concretas é caracterizada pela consolidação das conservações de número, substância, volume e peso. Também há o desenvolvimento de noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, permitindo a organização do mundo de maneira lógica e operatória, havendo a capacidade de estabelecer compromissos, compreende as regras podendo ser fiel a elas. As operações concretas trazem as estruturas cognitivas da criança ao seu nível mais elevado de desenvolvimento, e tornam-se aptas a aplicar o raciocínio lógico a todas as classes de problemas. Enfim, é a “abertura para todos os possíveis.

Com isso, nota-se que o grupo Pequeninos encontra-se no período mais adequado para a iniciação nas Modalidades Esportivas Coletivas (MEC), tendo em vista que é a partir dela que os praticantes passam a possuir características motoras, cognitivas e afetivo-sociais que permitam uma aprendizagem adequada da tática do jogo (SILVA e DE ROSE JR, 2005).

2. OBJETIVOS

Dessa forma, esse trabalho visa discorrer sobre a importância do fator tático para a prática das MEC e também mostrar a íntima relação com o componente técnico, visando uma efetiva aprendizagem das modalidades esportivas.

3. DESENVOLVIMENTO

Dentro do PRODHE, os educandos recebem a oportunidade de praticar um grande número de atividades esportivas, em especial as Modalidades Esportivas Coletivas (MEC), atividades essas caracterizadas por uma significativa variedade de situações, o que obriga os participantes a tentarem a todo instante encontrar uma resposta adequada perante uma ocorrência no jogo, sendo que essa resposta nunca servirá sempre para todos os lances da partida. Para se conseguir atingir um nível de prática que possibilite ao jogador fazer as melhores escolhas e executá-las da maneira mais eficiente possível, assim, pode-se dizer que em todos os jogos esportivos coletivos, a essência do rendimento é fundamentalmente tática (GARGANTA, 1998; TAVARES, GRECO e GARGANTA, 2006), sendo o seu trabalho fundamental para um desenvolvimento esportivo eficiente.

A tática pode ser definida como a adaptação instantânea das estratégias às configurações do jogo e à circulação de bola frente à oposição GRÉHAIGNE (apud GARGANTA e OLIVEIRA, 1996).

Os jogos esportivos coletivos se caracterizam pela sucessão constante de situações de jogo, nas quais o participante deve resolver problemas através de inúmeras tomadas de decisões, decisões estas que envolvem um conteúdo tático, e implicam em relacionar processos cognitivos com processos motores. Assim, quando um atleta realiza uma técnica específica da modalidade, por exemplo, um passe, ele toma uma decisão tática escolhendo essa ação motora como a mais adequada a resolver a situação de jogo e nesse caso o conhecimento tático declarativo e processual - são interligados na busca dos objetivos do jogo. Independente da modalidade é importante ressaltar que nos jogos esportivos coletivos a elaboração do processo de ensino-aprendizagem-treinamento deve ser formulado cuidadosamente, o que solicita do professor o conhecimento das diferentes alternativas metodológicas. Torna-se assim, fundamental oportunizar processos de ensino-aprendizagem-treinamento que promovam o desenvolvimento das potencialidades e competências dos alunos, respeitando suas diferenças individuais e promovendo um crescimento amplo e diversificado nas suas capacidades, fomentando sua integração e enriquecimento da sua personalidade (SILVA e GRECO, 2009).

LOVATTO e GALATTI (2007) trazem que os procedimentos e métodos aplicados no ensino de cada modalidade contribuirá para que em situação de jogo os praticantes tenham capacidade de resolver e solucionar os problemas que as circunstâncias da partida trará. Para desenvolver essa capacidade, ainda defendem como estratégias mais indicadas as formas jogadas ou de jogos, por se mostrarem mais atrativas para os praticantes e por conter inúmeras situações problemas (MACEDO *et al*, 2000). Além disso, essa forma é mais próxima da realidade do jogo; com a possibilidades de leves alterações em algumas regras com o objetivo de simplificar ou tornar mais complexa a tarefa, bem como mexer com a área de jogo, a fim de tornar a atividade mais ou menos intensa e complexa (GALATTI, 2006 apud MOURA *et al*, 2008).

4. CONCLUSÃO

Tendo em vista o que foi apresentado acima, fica entendido a necessidade de uma formação esportiva que possibilite ao jovem praticante experimentar o maior número possível de possibilidades, tanto em diversas modalidades quanto em exercer variadas funções dentro de uma modalidade específica.

MOURA (2004) afirma ser preciso ensinar os jogos, e, desta forma, transmitir padrões para a compreensão das imprevisíveis situações advindas deste, dotando-a de valores, isto é, não de uma forma esvaziada, ou puramente mecânica, ou até mesmo, estática. Deve-se dar importância a toda cadeia complexa de interações que envolvem cada situação do jogo em si. É essa gama de imprevisibilidade das ações de jogar que acarreta na resolução das situações problema. O professor/técnico deve conceber o ensino esportivo como uma prática pluralista e desenvolvê-lo de acordo com suas manifestações, seus significados, seus ambientes, e em conformidade com os comportamentos dos personagens que o praticam (MOURA *et al.* 2008). Sendo assim, vários são os motivos que devem corroborar para tornar o ambiente de prática motivador, em que as crianças e os adolescentes aprendam, gostem e continuem a praticá-lo freqüentemente, independentemente de tornarem-se talento.

A aprendizagem tática por meio de jogos adaptados e sua contribuição para a atividade física e prática esportiva ao longo da vida.

Rodrigo Ribeiro Carioca

PRODHE/PET

Introdução

Neste relato procuramos estabelecer a importância da aprendizagem tática das modalidades esportivas através de jogos pré-esportivos e adaptados para a construção de uma relação de proficiência e, conseqüentemente, de adesão a prática esportiva ao longo da vida.

Para tanto, faremos uma breve revisão bibliográfica acerca do tema, levando o conhecimento de algumas escolas de pensamento a respeito do papel da transferência positiva entre jogos pré-esportivos e/ou adaptados para as modalidades institucionalmente determinadas. Também analisaremos os fatores de abandono e adesão à prática ao longo do desenvolvimento da vida.

Objetivo

Demonstrar que a aplicação estruturada e intencional de jogos ajustados ao aprendiz é capaz de fomentar a prática esportiva ao longo da vida, por meio da percepção de sucesso e

auto-estima advinda da facilitação do conhecimento procedimental propiciado pela transferência de conhecimento dos jogos adaptados às modalidades objetivadas.

Desenvolvimento

A adequada aprendizagem da tática (o que fazer) dos jogos é essencial para que o indivíduo alcance maiores graus de desempenho, formando assim uma base sólida para sua atuação nas modalidades esportivas.

Inúmeros autores sugerem que certas adaptações (número de jogadores, atuação dos jogadores, espaço de jogo, qualidade e quantidade dos implementos) nas tarefas envolvidas na aprendizagem tática das modalidades esportivas possibilitem uma facilitação do processo ensino-aprendizagem. Fora isto, temos a possibilidade de utilizarmos-nos da transferência de conhecimento tático intermodalidades na aquisição da competência esportiva.

Considerando as fases do processo de crescimento e desenvolvimento humano conjugando-as as possibilidades de participação em atividades físicas e esportivas ao longo do ciclo de vida, apresentamos a proposta de Côté, Baker e Abernethy (2007), que expõe um modelo de participação esportiva ao longo do ciclo de vida que engloba das fases de aprendizado, da utilização recreativa do esporte e da atividade física, até sua utilização como profissão.

Levantando a problemática dos fatores de abandono esportivo encontramos como algumas de suas principais causas a monotonia dos treinos, a desmotivação dos alunos, excessivo tempo de dedicação esgotamento físico e psíquico. Fatores esses que podem ser prontamente combatidos com a metodologia dos jogos pré-desportivos, reduzidos e adaptados; estes por ser mais maleáveis e adaptáveis às exigências dos docentes possibilitam maior possibilidade de sucesso real e percebido.

Tal abordagem pedagógica construída a partir da proposição de situações-problema adequadas às características dos aprendizes possibilita com que os mesmos possam experimentar maiores possibilidades de sucesso. Decorrendo, deste fato, uma maior possibilidade de construção de uma auto percepção positiva e real de sua eficácia no(s) jogo(s) e a conseqüente adesão a prática esportiva ao longo de todo o ciclo de vida.

Conclusões / Considerações Finais

Entre os fatores essenciais para a adesão ao longo da vida da atividade física e desportiva está o aprendizado adequado das modalidades que deve ser ajustado ao nível do educando conforme as suas características maturacionais, fisiológicas e psicológicas.

Tal proposta proporciona a oportunidade para a utilização de jogos diversos para a aprendizagem apropriada de uma miríade de modalidades esportivas. Fomentando, desta forma, a percepção da proficiência nas habilidades pelos sujeitos da ação pedagógica, assim estimulando a prática das atividades físicas e esportivas ao longo da vida.

Referências bibliográficas

- SILVA, T. A. F.; ROSE JUNIOR, D. Iniciação nas modalidades esportivas coletivas: a importância da dimensão tática. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.4, n.4, p. 71-93, 2005.
- KONZAG, I. A Formação técnico-tática nos jogos desportivos colectivos. Treino Desportivo, Lisboa, n.19, p. 27-37, mar. 1991.
- KRÖGER, C.; ROTH, K. Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.
- MAHLO, F. O acto tático no jogo. Lisboa: Compendium, 1970.
- GRECO, J. P.; BENDA R. N. (Orgs.). Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007a.
- GRECO, J. P.; BENDA R. N. (Orgs.). Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG, 2007b.
- GRIFFIN, L. L.; MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L.. Teaching sport concepts and skills: a tactical games approach. 2 ed. Human Kinetics, 2006.
- GRECO, J. P. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20, n.5, p. 210-212, set. 2006.
- DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v.10 n.4, p.99-104, 2002.
- BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. Bulletin of Physical Education, v.18, n.1, p. 5-8, 1982.
- BARA FILHO, M. G.; GUILLÉN GARCIA, F. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.22, n.4, dez. 2008.
- BANDURA, A. Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. Journal of Applied Sport Psychology, 2, 128-163, 1990.

BANDURA, A. Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning. Educational Psychologist, 28, 117-148. 1993.

CÔTÉ, J.; BAKER J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport Expertise. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. IN: Handbook of Sports Psychology. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007.

Festival Ruas de Esporte

*Kátia Aparecida Pereira Moraes
PRODHE/PET*

Introdução

O Projeto Esporte Talento (PET) - parceria entre a Universidade de São Paulo e o Instituto Ayrton Senna desde 1995 e, que hoje, compõe o Programa de Formação e Estudo em Desenvolvimento Humano pelo Esporte (PRODHE) do Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP) - realiza desde 2007 o Festival Ruas de Esporte.

O Festival tem como objetivos promover jogos, brincadeiras e oficinas esportivas e artísticas para crianças e jovens de 08 a 18 anos, prioritariamente, mas com possibilidade de desenvolvimento de atividades para crianças menores e adultos/idosos; experimentar formatos diferenciados, procurando adequar os jogos e competições às condições peculiares das crianças e jovens em desenvolvimento e na sua interação com a cultura de rua e o espaço público.

A proposta nasce do incômodo causado pelo jargão “O esporte tira as crianças da rua”, usado no senso comum para atribuir aos projetos, programas e políticas que se utilizam do Esporte para promoção do Desenvolvimento Humano a tarefa de afastar a criança e adolescente de todos os fatores de risco que estão associados às ruas das grandes cidades: criminalidade, violência, drogas.

Diante dessa realidade que precisamos enfrentar em nosso dia-a-dia, fazem-se necessárias novas possibilidades do conviver na rua e espaços públicos, tornando a cidade efetivamente educadora, palco da prática de atividades físicas e esportivas ao longo de vida de seus habitantes.

Objetivo

Nesse relato, o objetivo é compartilhar a experiência do Festival Ruas de Esporte, discutir algumas possibilidades do uso dos conceitos envolvidos em nossas práticas cotidianas e os impactos que podem ser gerados ao longo da vida dos envolvidos.

Desenvolvimento

Em 2010, o PRODHE organizou o Festival Ruas de Esporte, em 3 etapas independentes, com a finalidade de incentivar a prática autônoma de atividades físicas e esportivas, enfatizando a exploração de espaços públicos.

O Festival propiciou aos seus participantes atuarem e refletirem sobre a importância da atividade física e esportiva; sobre a valorização e as possibilidades da utilização dos espaços públicos para essas atividades e sobre a descoberta de modalidades esportivas pouco praticadas.

A 1ª etapa do festival, com o tema “Importância da Atividade Física para a Qualidade de Vida”, foi realizada no CEPEUSP e foi aberta à comunidade, podendo participar crianças, adolescentes e adultos de qualquer idade. Juntos, jogaram um grande jogo de percurso, que propiciou prática de diversas atividades físicas e esportivas. A proposta do jogo também era estimular o diálogo e a proposição de soluções para diversos conflitos e dificuldades relacionadas ao direito e ao acesso a locais públicos para estas práticas. Perguntas sobre formas de proteção quando o dia está muito quente ou como chegar ao Parque do Ibirapuera e; desafios de jogos de street ball, dodgebol, embaixadinhas e outros, levaram as equipes a se movimentar pelo tabuleiro e percorrer as “ruas de esporte”. Enfim, estimular que a atividade física e esportiva esteja presente em nosso cotidiano.

A 2ª etapa foi realizada no Parque Villa Lobos, com o tema “Cidades educadoras e os Espaços Públicos e de Lazer”. Os educandos do PET tiveram a oportunidade de fazer uma visita ao parque com familiares e amigos, para conhecer e explorar o espaço público, reconhecer as possibilidades de uso e, a partir daí, fazer escolhas de prática de forma autônoma.

A última etapa foi realizada novamente no CEPEUSP, agora com o tema “Descobrendo Modalidades Esportivas”. Foram oferecidas oficinas das modalidades esportivas badminton, frisbee, jiu jitsu, remo e tênis que aumentaram o repertório e das crianças e adolescentes

participantes, reforçando a necessidade de buscar e conhecer novas práticas, e a importância desse comportamento ao longo da vida.

Em cada etapa os participantes receberam um brinde de participação, o “Jogo Ruas de Esporte”, um jogo de tabuleiro que apresenta questões e desafios que reforçam as competências estimuladas pelas práticas, e que serviu de base para a proposta do Jogo Gigante da 1ª etapa.

Resultados

Com a realização das 3 etapas, o Festival Ruas de Esporte contou com 219 participações. Destas 17 eram familiares ou amigos, 54 educandos de outra instituição e, 148 de educandos do PRODHE.

Os resultados também podem ser mensurados através de ações que foram desencadeadas após a realização do Festival. Temos relatos e observamos outras atividades em que as crianças compartilharam o que aprenderam: educandos do PRODHE que participaram da oficina de frisbee ensinaram a outros os variados tipos de lançamento; a família e amigos de uma educanda do PRODHE estão praticando em sua rua os desafios do “Jogo Ruas de Esporte”, tanto em sua versão de tabuleiro de mesa como de tabuleiro gigante; alunos do CEU Caminho do Mar ficaram entusiasmados com as modalidades que não conheciam.

A prática de modalidades alternativas ou pouco presentes no dia a dia, dos educandos do PRODHE possibilitou uma maior aceitação de algumas dessas modalidades nas atividades do projeto.

O envolvimento de professores de outras instituições, trazendo seus educandos ou oferecendo as oficinas, possibilitou que a proposta do festival e do jogo de tabuleiro fosse disseminada e replicada para outras pessoas e locais, provocando conversas sobre a temática envolvida.

Outra ação importante para o PRODHE foi a possibilidade de reproduzir o “Jogo Gigante de Tabuleiro”, em outro evento tradicional do programa – “Semana da Criança e Adolescente” – e em outra instituição que promove atividades esportivas com crianças e jovens.

Conclusões

De um modo geral as pessoas estão acostumadas a associar as ruas à insegurança, local onde nada de bom se pode aprender. A proposta do Festival vem na contra mão dessa idéia.

Acreditamos que a responsabilidade por construir um local seguro e promotor de aprendizagens é de responsabilidade de todo cidadão.

Mas como fazer isso se as pessoas desconhecem as possibilidades de seu entorno, não são estimuladas a buscarem novas possibilidades e não tem como hábito a atividade física e o esporte?

A linguagem do jogo de tabuleiro facilitou a compreensão dos participantes sobre esses desafios. Possibilitou a participação de todas as faixas etárias, dentro do PRODHE ou das casas dos participantes. Percebemos também que não existe resistência contra as modalidades pouco conhecidas, a dificuldade está na pouca oferta das mesmas. Como gostar de algo que não se conhece?

Os resultados positivos desse ano nos inspiram a propor para o próximo ano a ampliação da proposta, para que mais pessoas possam ser mobilizadas e provocadas a pensar sobre o uso dos espaços públicos e sobre a prática autônoma de atividades físicas e esportivas

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO PELO ESPORTE AVALIANDO AS COMPETÊNCIAS NO GRUPO PETELECO (08 A 10 ANOS)

Suzana Cavalheiro e Eduardo Ulian

PRODHE/PET

No 1º semestre de 2009 o Projeto Esporte Talento (PET) iniciou a construção de um instrumento de avaliação com o propósito de elaborar indicadores que pudessem demonstrar as mudanças no desenvolvimento das competências das crianças e adolescentes atendidos, além de estimular nas famílias o acompanhamento do desenvolvimento de seus filhos. O instrumento foi elaborado com base em **pesquisa realizada em 2009²** e o **Relatório do Desenvolvimento Humano - PNUD 2009**, e analisou as competências categorizadas em: sociais, pessoais, produtivas e cognitivas. A aplicação do instrumento acontece semestralmente e inicia logo na entrada da criança ou adolescente no projeto, representando o marco-zero, o qual será comparado com o resultado dos próximos semestres.

² Valores considerados na pesquisa do NÚCLEO DE ESTUDOS DA FAMÍLIA E COMUNIDADE DA PUC – SP (Matéria: Retrato da Juventude, da seção Vida &, do Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/02/2009).

Tendo a proposta de investigar como a criança estava percebendo e avaliando o seu desenvolvimento, no final do 1º semestre de 2010 os educadores do grupo Peteleco, que trabalham com crianças de 8 a 10 anos, fizeram ajustes na linguagem deste instrumento. As modificações visavam facilitar a compreensão e aproximá-lo das situações do cotidiano e, também dos acontecimentos dentro das atividades do projeto. Passamos então a ter um instrumento de avaliação para a família e uma versão para as crianças. O quadro abaixo apresenta exemplos de questões de ambos os questionários.

	INSTRUMENTOS PAIS	INSTRUMENTO EDUCANDOS
SOCIAIS	1. É capaz de oferecer ajuda a outras pessoas? 2. Se envolve com outras coisas na comunidade? 3. Mostra interesse pelos familiares? 4. Tem boa relação com os amigos? 5. Se preocupa com a preservação do meio ambiente? 6. Se envolve em confusões e brigas?	1. No dia a dia ajuda o colega? 2. No bairro participo de outras atividades? 3. Preocupo-me com meus familiares? 4. Fiz bastante amizade no projeto? 5. Eu cuido do espaço de todos? 6. Se envolve em confusões e brigas?
PESSOAIS	1. É bom estudante? 2. Se interessa por esporte? 3. Tem bons hábitos saudáveis de higiene, alimentação, repouso e atividade física?	1. Gosto de estudar? 2. Participo de todas as atividades? 3. Costumo tomar banho após as atividades, andar limpo e cheiroso?
PRODUTIVAS	1. Faz planos para o futuro? 2. Tem iniciativa para fazer as coisas dele?	1. Fiz planos para o 2º semestre? 2. Costumo pedir ajuda aos professores ou outras pessoas?
COGNITI	1. Tem vontade de aprender? 2. Tem idéias para superar desafios?	1. Gosto de aprender coisas novas? 2. Gosto de superar desafios?

Quadro 1 – Exemplos de questões dos questionários, de acordo com a competência avaliada.

O questionário dos educandos foi aplicado ao final do semestre para que tivessem fatos reais que os orientassem na auto-avaliação e também para que os educadores pudessem dar retorno às crianças, refletindo em conjunto sobre a coerência da auto-avaliação bem como estabelecendo metas pessoais para o semestre seguinte.

Realizado todo este processo, o fato mais importante que mobilizou o nosso desejo em compartilhar esta experiência foi o momento do retorno junto às crianças, onde foi algo bem especial perceber a compreensão das crianças, e trazer algumas situações para pensar, podendo ver e rever o que tinha sido avaliado, assim como pensar em situações futuras. As crianças puderam perceber o olhar dos educadores dando um retorno, notarem que não recordavam de algumas situações ocorridas nas atividades práticas e perceber a compreensão de seus avanços e dificuldades facilitando o estabelecimento de metas, gerando um comprometimento das crianças e educadores dentro do planejamento, das atividades diárias e acompanhamento destas metas.

Essa experiência acabou despertando a nossa curiosidade em comparar como pais e filhos estavam avaliando o desenvolvimento dessas competências. Para analisar as informações, selecionamos as questões afins e tabulamos os dados dos educandos, cruzando com as informações dos pais, sendo dividida da seguinte forma: Grupo e Individual. Sendo que o aspecto individual será abordado após a aplicação do segundo questionário com as crianças, que ocorrerá no final deste semestre.

Para analisar os resultados do grupo utilizamos as respostas dos pais e educandos e verificamos que das quatorze questões, 72% mostram que pais e filhos avaliam de forma semelhante e, que ocorreu diferença significativa em apenas 28% das questões.

Considerando que as crianças se basearam nas atividades do projeto e os pais se baseiam nas situações cotidianas que acontecem dentro de seus lares, este fator poderia explicar a diferenças que ocorreram em algumas questões.

Nas questões onde houve diferenças, as questões para as crianças estavam muito próximas do dia a dia, como exemplo, “fiz planos para o 2º semestre?/participo de todas as atividades?”, enquanto que para os pais era algo mais distante: “faz planos para o futuro?/se interessa por esporte?”. Isso poderia ser uma explicação para a diferença significativa que ocorreram em algumas questões.

Vale a pena ressaltar o fato de 72% das respostas entre pais e filhos serem concordantes, pois estes dados parecem demonstrar que as aprendizagens que acontecem no projeto repercutem positivamente em outros contextos da vida da criança como sugerem os pais. Entendendo o esporte como uma via de aprendizagem acreditamos que o exercício de diferentes estímulos como: estabelecer metas, olhar os resultados alcançados, identificar as dificuldades e avanços possibilitam assim uma aprendizagem mais significativa. Estes aspectos aproximam o olhar dos diferentes atores contribuindo assim para que estas crianças possam adquirir hábitos saudáveis a partir de um estilo de vida ativo quando adultas.

REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

Relatório do Desenvolvimento Humano - Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e Desenvolvimento Humano - PNUD 2009

ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS NA ADOLESCÊNCIA

Entendendo o crescimento e o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes participantes do PRODHE/PET

Eduardo Ulian

PRODHE/PET

Introdução

A idéia de realizar esse trabalho surgiu em uma aula ministrada pelo Professor Doutor Marcelo Massa, em que ele explanava sobre “maturação biológica” e “desenvolvimento motor”. Achei a aula muito interessante e importante avaliar aspectos na faixa etária de 10 a 16 anos para compreender quais seriam as relações entre maturação biológica e o desenvolvimento motor, considerando o desempenho físico dos educandos na prática do dia-a-dia no projeto. Algumas dessas respostas que eu estou buscando serviriam para enriquecer os planejamentos e estratégias utilizadas no dia a dia do projeto.

De acordo com Malina e Bouchard (2002), o crescimento e a maturação biológicos de uma criança não ocorrem, necessariamente, em sincronia com a idade cronológica da criança. Dentro de uma determinada faixa etária, algumas crianças estarão biologicamente avançadas em relação às suas idades cronológicas e outras estarão atrasadas em relação às suas idades cronológicas.

Partindo desse pressuposto, acredito que esse trabalho será de muita importância para o projeto, pois identificará educandos que estarão muito avançados em relação à maturação biológica e outros do mesmo grupo que estarão atrasados. Isso nos ajudaria a entender as mudanças que estão ocorrendo no desenvolvimento dos educandos, entender o porquê de alguns erros e tentativas mal sucedidas.

Objetivo

O objetivo desse relato será uma breve apresentação do trabalho que está sendo desenvolvido no PRODHE/PET, que pretende “investigar” a maturação biológica dos educandos e o desempenho físico dos mesmos.

Desenvolvimento

Pretendo realizar alguns testes: primeiramente poder avaliar a idade biológica dos educandos de 10 a 16 anos de idade com as pranchas com figuras correspondentes aos estágios de maturação segundo critério de Tanner. Em seguida aplicarei um teste de desempenho físico dos educandos a ser estudado. Entendo que esses dois testes já trarão algumas respostas procuradas com o estudo, pois com a auto-avaliação dos educandos em relação à maturação biológica e o teste de desempenho físico, conseguirei observar algumas mudanças ocorridas nessa fase de desenvolvimento e poderei utilizar como ferramenta para planejar atividades de acordo com o nível de maturação de cada educando.

Esse estudo poderá servir para uma nova proposta de divisão de grupos, ou seja, uma divisão realizada com base em testes realizados antes da entrada dos educandos no projeto. Esses testes consistiriam em analisar o nível de maturação biológica do educando e o seu respectivo desempenho físico, mas isso não seria uma forma de discriminação de quem estaria “atrasado”, pois essa divisão seria para utilizar elementos dentro do grupo para o próprio desenvolvimento do mesmo, de acordo com o nível de cada grupo.

Isso seria adequado pelo fato de termos grupos iniciais em seu desenvolvimento que estariam em níveis semelhantes e que, posteriormente, poderiam “embarcar” em grupos nos quais esse desenvolvimento seja maior e porque o mesmo educando pode utilizar instrumentos apreendidos no grupo anterior para dar seqüência ao desenvolvimento em um grupo mais avançado, em que as habilidades exigidas sejam atendidas de uma forma satisfatória.

Ensinando cidadania através do futebol

Willian Balduino

CEU Caminho do Mar

Introdução

Dentro de uma aula de futebol, muitas perspectivas podem ser abordadas. O foco deste trabalho é trazer as mais variadas formas de exercer a cidadania dentro da modalidade futebol. Dentro desta perspectiva, é possível elaborar uma aula que traga de forma objetiva os aspectos relevantes que nos levam a pensar como nosso futebol, capaz de mobilizar multidões, pode ser aplicado de modo diferente, ou seja, além dos fundamentos, técnicas ou táticas voltar-se para o social, mostrando aos nossos alunos que o importante não é só saber jogar futebol, mas que é imprescindível saber conviver em sociedade, respeitando uns aos outros, fazendo valer princípios que regem a cidadania, tais como: igualdade, prosperidade, humanidade e etc.

É nossa missão então, enquanto educadores que somos, incentivar estas práticas de vida em sociedade e temos certamente a maior ferramenta de trabalho no âmbito da Educação Física: o futebol, a paixão da maioria dos brasileiros. Para atingir estes objetivos, podemos contar com esta ciência que entende o ser humano por completo e considera fundamentais suas perspectivas de desenvolvimento e vivências no aspecto motor, cognitivo e principalmente afetivo-social.

Objetivo

Este estudo tem como objetivo a conscientização dos alunos e principalmente dos professores, no que se refere à questão da cidadania, sua formação integral, enfoque de valores, mostrando de forma clara e sucinta como este deve portar-se diante de qualquer situação que abrange o futebol escolar, ao mesmo tempo em que vai orientar o educador, para que o mesmo consiga em suas aulas abordar questões como violência, desrespeito, desonestidade, fatos estes que ainda são marcantes na vida dos alunos enquanto aprendizes de futebol. Nesse caminho, devemos enfatizar a visão democrática e participativa dos alunos, fazendo-os acordar para a construção de uma vida digna, mostrar para eles que o futebol também pode ser desenvolvido e utilizado para ajudar o próximo a ter educação.

Desenvolvimento

Em termos educacionais, é evidente a necessidade da participação da escola no âmbito do ensino da cidadania. O professor de Educação Física tem participação ativa nesse processo, porém é preciso que este se conscientize da sua importância, que saiba que o aluno que vem à quadra brincar, aprender coisas novas e que principalmente sonha em aprender a jogar futebol, necessita imensamente da sua participação como mestre, guia, pessoa que lhe ensinará o caminho. Cabe a esse profissional, além de integrar a criança, incentivando a sua participação com prazer a assiduidade, ensiná-lo princípios éticos, morais, enfim, mostrar a ele o que é realmente ser cidadão.

Podemos entender que a cidadania não se limita somente a uma palavra, uma idéia, um discurso, nem está fora da vida das pessoas. Ela inicia-se na relação do homem consigo mesmo e a partir daí, expande-se até o outro, ampliando-se para o contexto social no qual este homem está inserido. É uma nova forma de ver, ordenar e construir o mundo, tendo como princípios básicos os direitos humanos, a responsabilidade pessoal e o compromisso social na realização dos direitos e deveres de cada cidadão, para que eles sejam respeitados e cumpridos, já que o seu exercício não ocorre de forma automática.

Devemos acreditar que cada pessoa é agente de transformação da própria vida e do mundo em que vive e que todos somos iguais, independentemente de raça, credo, nacionalidade, posição social. Acreditar que a cidadania é conquistada de forma coletiva é de suma importância, que o processo deve ser solidário no aspecto social, político e econômico, não sendo uma concessão ou uma dádiva. Superar limites, lidar com situações diversas, enfim, o futebol, prazeroso de ser praticado, é ainda um instrumento para o ensino da cidadania. Vianna (2004), em seu artigo (Futebol e Cidadania) "*Apresenta o futebol como um excelente instrumento de formação humana*". Nessa visão é notório identificar a possibilidade deste esporte educar, e não apenas divertir como notamos nas escolas atuais. Mas é preciso conhecimento de fato dessa realidade para transmitir o conhecimento e poder visualizar os objetivos pré-estabelecidos num montante de eventos preconizado pelo futebol.

Resultados

Com relação aos resultados deste projeto, pode-se observar a mudança dos alunos dentro das práticas em competições, aulas e até mesmo em suas vidas. O aluno devidamente

estimulado tem a oportunidade de conhecer de sua sociedade e como cidadão consciente, contribui para o desenvolvimento de sua comunidade.

Considerações Finais

Dentro das possibilidades que vimos anteriormente, como a abolição da violência no futebol, o ensino do esporte dentro de aspectos que vão além dos termos técnicos, a conscientização dos alunos da necessidade da cidadania no futebol, da importância do senso crítico, da educação, dentre outros, podemos observar que o futebol verdadeiramente é algo que pode mudar padrões culturais, econômicos e políticos de qualquer sociedade. Isso fica explícito quando levantamos a questão histórica e notamos que desde a sua aparição, ou seja, muito antes da democracia se firmar como base na nossa sociedade, o futebol passou por diversas transformações e apresentou facetas competitivas e violentas, não sociabilizando assim seus praticantes. No momento atual, as suas bases não mudaram muito, porém já se consegue com muito esforço, orientar a formação de futuros praticantes do futebol para os aspectos que promovam a cidadania.

Amigos do CEU

Willian Balduino, Nadir Gonçalves e Rafael T. Espinha

Núcleo de Esportes e Lazer – CEU Caminho do Mar

Introdução

Nos dias que sucederam a inauguração do CEU Caminho do Mar, que ocorreu em 12 de outubro de 2008, efetuamos um mapeamento sócio cultural, considerando que o CEU se localiza em uma região com alta densidade demográfica, vulnerabilidade e risco. O mapeamento foi efetuado com o intuito de conhecermos as iniciativas de práticas esportivas que aconteciam no entorno. Essas iniciativas eram executadas por voluntários, pessoas ligadas à liderança comunitária e desenvolvidas em espaços inadequados, sem nenhum apoio e recursos materiais e sem a supervisão de profissionais capacitados.

Buscamos trazê-los e possibilitar que as práticas esportivas da comunidade fossem desenvolvidas dentro do CEU, com a intencionalidade de favorecermos a promoção social, a

melhoria da qualidade de vida, a formação da cidadania enquanto prática social. Através de encontros pontuais entre voluntariado e funcionários do CEU ligados ao esporte, procuramos estreitar as relações para resgatar a identidade da comunidade.

Os encontros trataram de conteúdos como participação social, direitos e deveres, saúde, qualidade de vida e a aprendizagem como processo contínuo no desenvolvimento humano.

As relações avançaram para a ampliação da rede de convivência. Passamos a contar com a participação de membros da Unidade Básica de Saúde do bairro e com o programa Saúde da Família, que frequentemente participam dos encontros.

Trazer os munícipes para dentro do espaço público estimulou o conhecimento das demais atividades oferecidas pelo CEU. Tornamos-nos parceiros na divulgação das diversas atividades do CEU nos eixos Esportivo e também Cultural e Educacional.

Concluimos que houve a conscientização dos participantes da importância das ações comunitárias e de contribuição enquanto cidadãos para o desenvolvimento do seu bairro, cidade, estado e país.

Objetivo

- Favorecer o desenvolvimento comunitário no local onde o CEU está inserido, trazendo a comunidade para dentro do espaço público e conseqüentemente fazendo jus a sua idealização.
- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida através do uso do tempo livre com atividades físicas e desportivas.
- Apoiar as práticas de cidadania e principalmente, o trabalho voluntário e a formação de lideranças comunitárias.

Desenvolvimento

O trabalho iniciou com um mapeamento sócio cultural da comunidade para identificarmos as iniciativas de desenvolvimento de práticas de esportes mais significativas que eram efetuadas por voluntários.

Prosseguiu com o estabelecimento de uma parceria de trabalho com voluntários e comunidade, onde as práticas passaram a ser desenvolvidas dentro do CEU, em condições adequadas, com todo apoio e orientação dos Especialistas Técnicos em Educação Física e

Grupo de Gestão, recursos materiais condizentes a cada prática, aumentando assim a qualidade das aulas destes voluntários.

Houve encontros pontuais tratando de conteúdos como participação social, direitos e deveres, saúde, qualidade de vida e a aprendizagem como processo contínuo no desenvolvimento humano.

De acordo com o desenvolvimento do projeto, houve uma procura de Organizações não Governamentais sem fins lucrativos demonstrando interesse em contribuir com o projeto ou devido à necessidade de obter espaços adequados para as práticas de atividades por elas fornecidas. Com isso, algumas parcerias foram firmadas também com estas instituições que, da mesma forma que os voluntários, tem forte vínculo com a comunidade do entorno. Foi possível então propiciar uma gama maior de atividades através destas ONG's, como basquetebol street, basquetebol para cadeirantes, futsal feminino, capoeira, entre outras.

Resultados

Podemos observar o impacto da experiência através do número elevado de pessoas, de faixas etárias diversas, que procuram as atividades esportivas no CEU, sejam as aulas que acontecem durante os dias de semana ou nos momentos recreativos aos fins de semana, principalmente para utilização das quadras e piscinas. O número de matrículas (carteirinhas) emitidas no primeiro ano de existência do CEU chegou a 17000 (dezessete mil), o que demonstra o sucesso das parcerias e do trabalho realizado pela equipe de gestão do CEU que aproximou a comunidade.

Considerações Finais

Dentro das perspectivas apresentadas, pode-se concluir que em uma perspectiva social e educacional, o projeto Amigos do CEU, aproxima a comunidade que reside nas imediações do local, ao equipamento público. Dentro disso, pode-se perceber a aproximação cada vez maior dos jovens, adolescentes que ao ver os adultos de sua comunidade, participando cada vez mais e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade com ações simples, ligadas ao lazer, ao esporte e à qualidade de vida, percebem a importância deste trabalho e da sua participação naquela região e, conseqüentemente, na sua cidade e em seu país.

Nossos jovens participam destas atividades e muitos deles, auxiliam professores voluntários, oferecem-se para contribuir em projetos de voluntariado no CEU e até mesmo em outros locais.

Experiência de um grupo de adolescentes em um curso de “Formação de Recreadores em Jogos Cooperativos”

Daniella Christina Rodrigues e Annette Martucci

Associação Esporte Solidário – AESFUN e Associação Sócio-Educativa e Cultural Projeto Alavanca-Brasil

1. INTRODUÇÃO

Os jogos cooperativos podem ser um meio transformador da sociedade. Geralmente os pais dos jovens da classe baixa começam a exigir que o adolescente comece a ajudar nas despesas da casa e a pressão familiar faz com que os mesmos abandonem os estudos por não conseguirem conciliar com o trabalho. A falta de qualificação implica que os jovens recebam uma baixa remuneração e a falta de lazer na comunidade tem como consequência que o jovem fique ausente de oportunidades

Buscando promover o desenvolvimento integral dos adolescentes participantes das atividades promovidas tanto pela Associação Esporte Solidário (AES), como pela Associação Sócio-Educativa e Cultural Projeto Alavanca-Brasil, sabendo os educandos de ambas as organizações estão inseridos em vulnerabilidade social, percebeu-se a necessidade de criar um espaço diferenciado para os adolescentes das instituições, atingindo os adolescentes moradores da Comunidade São Remo, tendo como maior objetivo o desenvolvimento das ações comunitárias vinculadas ao esporte e multiplicá-las.

2. OBJETIVOS

- Sensibilizar para a importância de ser um agente multiplicador dentro da comunidade;
- Ampliar o conhecimento do espaço social em que o jovem se insere, a partir do conhecimento prévio;
- Integrar os jovens da comunidade São Remo;

- Incentivar e formar jovens multiplicadores para disseminar o conhecimento sobre os Jogos Cooperativos;

3. DESENVOLVIMENTO

As ações principais foram os encontros teórico-práticos sobre Jogos Cooperativos que contaram com aproximadamente 15 adolescentes intencionados em promover uma reflexão e fomentar discussões sobre a formação de recreadores e a sua utilização em ambiente profissional. Cada encontro foi dividido de maneira trifásica, sendo que a primeira fase relacionava-se à exposição de temáticas sobre o assunto, a segunda fase, a uma vivência prática e a terceira, a uma discussão aberta sobre o tema, em que foram colhidas declarações orais e escritas dos adolescentes. Posteriormente, as informações foram agregadas aos encontros, durante todo o processo, os quais evidenciavam o interesse, as condutas cooperativas e a inclusão.

Foram realizados encontros com as seguintes temáticas, escolhidas pelos educandos:

1. A origem e a evolução dos Jogos Cooperativos, divulgação destas atividades e as possíveis relações entre o cotidiano - prática;
2. Para desenvolver a parte teórica, utilizou-se uma tabela de Broto (2001), na qual se observa uma comparação entre as características dos Jogos Cooperativos e Competitivos, com seus respectivos benefícios e dificuldades;
3. Planejamento de atividades cooperativas para diversos públicos e vivência – resoluções de problemas;
4. Reflexão sobre suas ações diante de uma entrevista de emprego, como a intimidação do entrevistador não pode atrapalhar no desempenho;
5. Primeiros Socorros – Parada Cardíaca e Morte Súbita: Simulação e condutas vivenciadas.

4. RESULTADOS

Pode-se perceber o grande interesse que verteu dos educandos sobre os Jogos Cooperativos e sua vivência prática. Os educandos participaram de forma ativa das atividades propostas, usando a atenção, envolvimento e a alegria para a resolução dos problemas que, a priori, eram fictícios, atentando também para que houvesse o processo de inserção de todos do grupo nos encontros.

Baseando-se nas ações dos educandos, é possível notar que eles demonstraram-se favoráveis à utilização destas técnicas em seus futuros ambientes de trabalho, prevendo uma possível disseminação de valores e atitudes positivas vinculadas às atividades propostas. Durante os encontros, os educandos evidenciaram, inclusive, que propiciar um ambiente lúdico e cooperativo pode auxiliar no processo de formação destes valores e aperfeiçoar o enfoque das regras sociais em prol de ações mais afetivas e sensíveis, independentemente da área exercida.

Hoje temos parte deste grupo com melhorias na área profissional e pessoal, como por exemplo, assumindo responsabilidades de monitor em projetos de suas respectivas instituições e até em sair do “curso” para trabalho ou cursos mais específicos, dentro da área esportiva.

5. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando-se o atual momento da sociedade, nota-se uma exacerbada luta pelo sucesso individual, que gera altos índices de competitividade. Em contrapartida, há grande necessidade para promoção de valores e atitudes conscientes de interação pessoal, ensinando e aprendendo a trabalhar em equipe.

Além disso, a busca pelo primeiro emprego é parte do processo de socialização dos adolescentes. A experiência aqui relatada procura propiciar experiências significativas, capazes de interferir no seu próprio processo de aprendizagem no trabalho, aprendendo a compartilhar e a confiar nas outras pessoas, criando um senso de unidade e aumentando a autoconfiança.

Propõe-se com isso que novos comportamentos e ações sejam adotados pelos adolescentes, mas, especialmente, que possam transcender a busca pelo primeiro emprego e que sejam capazes de cumprir com o seu papel social.

Polo terrestre

Thiago Felipe da Silva

ONG. INDES PROJETO OFICINA NA PISCINA

INTRODUÇÃO

O POLO TERRESTRE é um jogo criado a partir de uma adaptação da modalidade 'POLO AQUATICO', pratica esportiva utilizada pelo projeto OFICINA NA PISCINA como ferramenta de educação e inclusão social. Este jogo foi criado com objetivo de suprir a necessidade de continuidade das atividades diárias do projeto, aproximando-se ao máximo da modalidade esportiva tradicional. Dentro da sistemática oferecida pela parceira do projeto, a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo que cede os equipamentos, chamados de CLUBE ESCOLAS, onde acontecem as aulas do OFICINA NA PISCINA, existe um período quando a piscina fica fechada; então, perde-se o *habitat* natural do POLO AQUATICO. Por esse motivo, justifica-se a criação do jogo POLO TERRESTRE, um dos símbolos de desenvolvimento humano dos envolvidos no OFICINA NA PISCINA.

OBJETIVO

O objetivo principal do POLO TERRESTRE é dar continuidade as atividades do projeto, estimulando o processo de criação e a capacidade de adaptação de todos os envolvidos com a proposta do OFICINA NA PISCINA.

DESENVOLVIMENTO

Sempre existiu dentro do OFICINA NA PISCINA uma preocupação quanto ao período de piscina fechada. Cada clube tem total autonomia para criar suas estratégias para dar continuidade para as atividades. Sendo assim, como fazer um evento que acontecesse com a participação de todos os clubes nesse período, a fim de promover uma integração de todos?... É nesse ponto que o POLO TERRESTRE ganha força e iniciam-se as ações para criar um modelo único e comum a todos.

A partir das discussões em nossas reuniões semanais sobre como criar esse jogo e como atender todas as demandas favorecendo todos os clubes e suas respectivas realidades, todos os professores foram mobilizados para que aprimorassem suas práticas com foco nesse jogo. Em função disso, busquei uma forma de aprimorar o que já acontecia na minha

piscina (Clube Escola Ibirapuera), que num primeiro momento chamávamos de POLO A SECO.

Dividi com os alunos a responsabilidade de criar um formato de jogo com regras, logística e sistemática que fossem comuns a todos os clubes e que se aproximasse ao máximo de nossa prática esportiva POLO AQUATICO. Em aula, os alunos foram divididos em vários grupos de 7 integrantes. Eles tinham que criar regras e dar um nome para o jogo e depois aplicariam esses jogos entre eles. Demos um nome a essa atividade: “OS CIENTISTAS E AS COBAIAS”. Foi um dia rico em reflexões. Com todo esse material em mãos, redigi um modelo de regras para o jogo criado em aula, com a participação de todos do grupo (crianças e professores) levando em consideração o que deu de certo e de errado na atividade “Os Cientistas e as Cobaias”.

Feito esse processo, onde cada professor criou a sua maneira em seu respectivo clube para criar um banco de dados que serviria de norte para a criação do jogo POLO TERRESTRE, fora sugerido em nossas reuniões pedagógicas, a criação de uma comissão para viabilizar a criação do jogo e que fosse comum a todos. Era a oportunidade de dividir com os meus colegas as experiências de meu grupo e dar continuidade a todo processo. Participei então da comissão, representando o grupo do Ibirapuera, para mostrar o que já havíamos feito no clube, sempre dividindo com os alunos em que rumo que estava a construção de nosso jogo. A comissão ouviu todas as realidades e criou um formato de regras, para o hoje chamado POLO TERRESTRE.

RESULTADOS

Destaco nesse tópico a satisfação dos alunos em ter participado da construção de um jogo que passou a ser comum a todos os clubes do projeto OFICINA NA PISCINA; a valorização da modalidade POLO AQUATICO e o processo de desenvolvimento humano proporcionado mediante a todo esse contexto. Foi através da construção desse jogo que participamos da Semana da criança e do adolescente de 2010, organizada pelo PET, momento que deu muito sentido a todo o processo.

CONCLUSÃO

Redijo esse relato pautado em grande satisfação de fazer parte desse que vou chamar de navio, que navega por diversos mares e proporciona a seus integrantes, desafios, reflexões,

auto-conhecimento e possibilidades ricas de valor humano, esse navio tem um nome é chamado de OFICINA NA PISCINA. Penso que todo esse processo de construção do POLO TERRESTRE ilustra o que é esse projeto.

Programas de Incentivo à prática do Esporte para os Jovens em SP

Marcelo Mendes Castilho

PRODHE - PET

Introdução

Uma das possíveis formas de investimento a ser realizada no esporte é tratá-lo como direito de acesso a todos, independentemente da classe social, idade ou gênero. Para que isto seja realizado, surgiram nas últimas décadas diversos programas de incentivo e divulgação das diversas abordagens do esporte, seja ele educacional, de lazer, recreação, entretenimento ou desempenho. Como na cidade de São Paulo há uma diversidade muito grande quanto a sua população, os projetos/programas vão se caracterizando conforme as 'necessidades' de cada público.

Desenvolvimento

A partir deste fato surgiram diversos programas, como alguns dos citados abaixo como exemplo:

- **Clube Escola;**

Baseia-se na implementação de uma política pública do esporte diferenciada, visando a extensão das atividades diárias dos jovens da rede pública de ensino, a partir de uma variada programação esportiva, recreativa, cultural e gratuita, oferecida pelos equipamentos esportivos municipais. Segundo a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da cidade de São Paulo, esse programa beneficia hoje cerca de 230.000 crianças, com as atividades do programa chegando a mais de 100 locais, em todas as regiões de São Paulo, democratizando o acesso da população ao esporte, sempre levando em conta a qualidade da programação oferecida¹.

- **Projeto Esporte Social;**

Projeto de iniciativa governamental, que inclui como um dos principais programas de inclusão social da Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo do Estado de São Paulo. O foco desta ação é voltado primordialmente:

1. ao atendimento de crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 18 anos,
2. estudantes da rede pública de ensino,
3. de pessoas com deficiência
4. e de idosos que estejam em situação de risco social,

Visa implantar e manter núcleos de esporte e lazer, com caráter formativo-educacional, a fim de proporcionar oportunidade de práticas esportivas e de lazer às classes menos privilegiadas, com vistas à promoção de inclusão social; de saúde; à preservação de valores morais e o civismo; à valorização das raízes e heranças culturais; à conscientização de princípios sócio-educativos; à aquisição de valores de direitos e deveres; à solidariedade; ao aprimoramento do desenvolvimento psicomotor; e melhora do condicionamento físico².

- **São Paulo Potência Esportiva (Projeto Futuro);**

Este programa, também de origem governamental, foi criado com o objetivo de articular e potencializar políticas públicas destinadas ao surgimento de aptidões esportivas, integrando ações entre os setores públicos e privados na promoção e gestão estadual de competições. As modalidades são as incluídas no Centro de Excelência - Projeto Futuro (judô, atletismo, natação) que incluem jovens com idade entre 15 e 22 anos, ou nas categorias juvenil e júnior, adquiridas através de seletivas anuais³.

- **ONGs (PET, IEE, ONG Futebol de Rua, PELEC, etc...)**

Instituições como as exemplificadas acima tem como idéia fundamental a possibilidade de desenvolvimento através do esporte, com o princípio de promover a promoção da liberdade e oferta equitativa de oportunidades para que crianças e adolescentes possam desenvolver seus potenciais, sendo a prática do Esporte uma ferramenta para a educação integral das novas gerações, preparando-as para enfrentarem com competência os desafios presentes em sua vida pessoal, social e profissional. Ao construir suas propostas educativas, a educação pelo esporte faz da criança e do adolescente o centro de suas ações, seu ponto de partida e chegada; a partir daí o esporte como atividade central transforma as

potencialidades e riquezas em competências e capacidades de agir sobre suas vidas e sobre o mundo que as cercam (HASSENPFUG, 2004).

Conclusão

A partir dos conhecimentos desses projetos é questionável o quanto as Políticas Públicas de São Paulo cumprem seu devido papel e o quanto são suficientes para promover o desenvolvimento desses jovens que em breve vão construir a sociedade do futuro, uma vez que há programa em que são “selecionados” cerca de 50 crianças anualmente, trabalhando indiretamente com a segregação, e o Estado já considera suficiente. Em outros há a questão da cultura – que é individual a cada grupo, e não há um modelo certo de uma prática moral e civil (conforme no antigo Regime Militar), sendo as raízes culturais muitas vezes difundidas dentro dos próprios bairros e não determinadas conforme um programa político tendencioso a práticas como a educação compensatória.

Portanto esses jovens e adolescentes devem ser bem educados e enriquecidos conforme suas respectivas culturas para que possam ter condições e discernimento - habilidades adquiridas também com a prática esportiva – para se constituírem em bons cidadãos para si mesmos e para a sociedade que os envolve.

Referências bibliográficas

¹http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/clube_escola/index.php?p=8001

²http://www.selt.sp.gov.br/esporte_social.php

³http://www.selt.sp.gov.br/sp_potencia_esportiva.php

HASSENPFUG, W. N. Educação pelo Esporte: Educação para o Desenvolvimento Humano pelo Esporte. São Paulo. Saraiva, 2004

A Construção de uma nova identidade e pensamento crítico em grupo através da participação dos educandos do Projeto Âncora na XII OLIPET

Tassia Cristina Espinosa

Projeto Âncora

INTRODUÇÃO

O presente relato foi decorrente do processo pelo qual os educandos passaram ao longo deste semestre motivados pela participação na “XII OLIPET”. Foi pautado através de dados registrados e observados a partir de atividades diárias vivenciadas por educandos de 13 a 18 anos.

Com isso o grupo passou por quatro etapas fundamentais no decorrer desse semestre: 01- Antes da OLIPET, 02- Preparação para a OLIPET, 03- No dia da OLIPET e 04- Pós OLIPET. Conforme discutido com os educandos, foram os norteadores de todo o processo.

OBJETIVOS

- Proporcionar autonomia, iniciativa e responsabilidades dos educandos com si e com o outro, que cumpram com os combinados e regras, sendo assim criativos, críticos e reflexivos.
- Entender e identificar o desenvolvimento das práticas esportivas e os papéis desempenhados nas diversas atividades com relação ao mundo social vivido.
- Identificar a importância das práticas esportivas como fonte de apropriação de conhecimento e adoção de uma cultura de vida ativa, demonstrando a importância da ação coletiva para o desenvolvimento das ações cotidianas.

DESENVOLVIMENTO

No início do segundo semestre o grupo era composto por adolescentes de 13 e 14 anos. No decorrer do semestre, o educador do grupo mais velho (educandos de 15 a 18 anos) se desligou do projeto e os grupos tiveram que se juntar. O resultado dessa junção gerou muitos conflitos e desentendimentos entre os educandos. O grupo ficou subdividido, muitos alunos não se falavam e também não queriam fazer as atividades. Nesse período surgiu também a proposta de participar na “XII OLIPET” nas modalidades de Handebol e Futsal, sendo o ponto de partida para que o grupo estabelecesse um objetivo comum.

A partir daí os educandos começaram a se motivar e participar mais de todas as atividades. Nos dias dos jogos, muitos educandos estavam ansiosos e nervosos; durante os jogos, eles mostraram um grande progresso tanto em relação a aspectos físicos, pessoais e sociais. No handebol, eles jogaram bem e ficaram em quarto lugar na classificação geral. No futsal, na primeira etapa, eles conseguiram ganhar todos os jogos e somaram quinze pontos para a equipe no desempenho esportivo. Porém, o futsal não acabava no dia, tendo mais uma etapa onde cada instituição teve que responder a uma pergunta chave, a qual deveria comprovar e provar que essa resposta era realmente verdadeira. Os mesmos tiveram que apresentar essa resposta na Semana da Criança e do Adolescente (08/10).

No decorrer dessas duas semanas entre o jogo e a oficina, eles se organizaram e se uniram ainda mais, para elaborar a apresentação da roda de avaliação “sabendo competir a gente se desenvolve”. Na roda de avaliação, os educandos conseguiram mostrar através de painéis, vídeos e depoimentos como eles se prepararam e o que eles aprenderam jogando na OLIPET. O resultado final foi que eles conseguiram ser campeões dos dois critérios: “desempenho esportivo + a avaliação” e só da “avaliação”.

RESULTADOS

O próprio grupo na apresentação da avaliação citou que eles passaram por quatro principais momentos que foram eles:

01- Antes da OLIPET:

- As pessoas do grupo eram individualistas;
- Muitas pessoas não levavam nenhuma atividade a sério;
- Nas rodas de conversa não havia respeito tanto com o educador quanto com os colegas;
- Havia muitos subgrupos (panelinhas);
- Muitas pessoas do grupo não expunham suas opiniões e também não cumpriam com seus horários e responsabilidades.

02- Preparação para a OLIPET:

- Na preparação o grupo apresentou diminuição das discussões e ofensas;
- Os alunos começaram a perceber a importância de trabalhar em equipe, interagindo e participando mais das atividades;
- O grupo criou uma identidade e as pessoas se aproximaram.

03- Nos dias da OLIPET:

- O grupo esteve unido e conseguiu se ajudar;
- Os objetivos individuais e coletivos foram alcançados.

04- Pós OLIPET:

Aprendizado para o Grupo

- Hoje o grupo apresenta um respeito que antes passava despercebido em meio à bagunça;
- As brigas, conversas paralelas e falta de atenção, quase não existem mais dentro das atividades;
- Os alunos conseguem expor suas idéias e opiniões;
- Aprenderam a respeitar cada pessoa como ela é.

Lição de Vida

- Que nunca devemos desistir dos nossos sonhos e objetivos;
- Na vida iremos encontrar dificuldades, mas cabe a cada um superá-las.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo passou por constantes mudanças tanto individuais quanto coletivas, que fizeram com que eles amadurecessem, e assim conseguissem compreender a importância de trabalhar em grupo, ter respeito, perseverança e humildade.

Acredito que a OLIPET contribuiu bastante para que os educandos se mobilizassem e se motivassem para estabelecerem esse objetivo comum.

Hoje, o grupo construiu uma nova identidade, onde o respeito, o companheirismo e a amizade se estenderam além dos muros do Projeto Âncora, formando nestes educandos um aprendizado significativo que poderá ser levado ao longo da sua vida em sociedade.

Índice de desenvolvimento esportivo

Débora Guimarães de Araujo e Marcos Vinicius Moura e Silva

PET/PRODHE

Introdução

Desde sua criação, o Projeto Esporte Talento (PET) – parceria entre a Universidade de São Paulo e o Instituto Ayrton Senna desde 1995 e, atualmente, parte integrante do Programa de Formação e Estudo em Desenvolvimento Humano pelo Esporte (PRODHE) do Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP) – tem como um dos seus princípios filosóficos e pedagógicos o Desenvolvimento Humano.

Por isso, o acompanhamento e o entendimento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) sempre foi um importante fator de avaliação, traduzido principalmente nos índices de aprovação e evasão escolar dos educandos participantes do PET.

Embora esses índices escolares tenham sido positivos nas avaliações de resultado feitas em 2000 e 2004 e sejam praticamente os únicos parâmetros comparativos nacionais para avaliação de impacto, os mesmos não nos deixam satisfeitos em relação à contribuição efetiva do esporte para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Em que a prática esportiva impacta o IDH da nossa cidade, por exemplo? Provavelmente tem uma influência na educação e na saúde, aspectos que compõem o índice. Mas essa prática será mantida ao longo da vida para que esses resultados sejam realmente alcançados?

Desses questionamentos e de uma interação com outros temas e conceitos, como o de Políticas Públicas e Cidades Educadoras, surgiu a ideia do Índice de Desenvolvimento Esportivo (IDE).

A proposta é de um termo e de um índice composto por itens diversos que abranja a avaliação tanto das condições esportivas individuais como de um bairro, de uma cidade, de um país. Portanto, é um índice em construção passível de ser composto de diferentes formas de acordo com a situação e a finalidade.

Objetivo

Nesse relato, nosso objetivo é avaliar o uso do IDE na “XII Olimpíadas do Projeto Esporte Talento: sabendo competir a gente se desenvolve” (XII OLIPET) e discutir algumas possibilidades do seu uso cotidiano.

Desenvolvimento

O IDE na XII OLIPET

A construção desse evento esportivo focado no ano de 2010 na temática “Esporte e Desenvolvimento Humano” trouxe, em um determinado momento, a necessidade de pensar no equilíbrio da competição, em propor situações concretas de possibilidades de vitória para todas as equipes participantes.

Como propostas práticas para crianças de 11 e 12 anos e para adolescentes entre 13 e 15 anos, os torneios foram estruturados de forma que todos os participantes avaliassem (auto-avaliação e, opcional, avaliação pelos educadores) de doze (para 11 e 12 anos) a vinte (para 13 a 15 anos) competências para competir, baseadas em FREIRE, MONTEIRO e LEMOS (2007) e no quadro de periodização utilizado no PET³ e que abrangem aspectos relacionados a competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas. Essa avaliação resultou em um número de 1 a 3 para cada participante e, durante os jogos, somente poderia estar em quadra um máximo de “n” pontos somando-se os IDEs dos jogadores, sendo “n” o resultado da multiplicação do número de jogadores tradicional da modalidades disputada vezes dois. Dessa forma, abriu-se a perspectiva de uma variação do número de jogadores em cada equipe, mas sempre respeitando o IDE máximo em quadra.

Além disso, em três modalidades do grupo de adolescentes de 13 a 15 anos também foi utilizada uma variação do IDE, focada em condições e oportunidades da prática e desenvolvimento das equipes na modalidade, levando nos torneios à formação de grupos de equipes com IDEs coletivos mais próximos.

A proposta de uso do IDE para adolescentes de 15 a 18 anos focou na escolha de itens para compor o IDE das modalidades disputadas.

Uso do IDE no dia-a-dia

Além de situações pontuais, como o caso da OLIPET, verificamos e experimentamos no PRODHE o uso do IDE no que consideramos seu maior potencial: como instrumento de acompanhamento do desenvolvimento das competências da crianças e adolescentes.

³ O quadro de periodização apresenta as principais competências e conteúdos a serem desenvolvidos em cada um dos grupos etários atendidos no PET.

Utilizando ainda os mesmos itens que compuseram o IDE na OLIPET, temos estimulado os educandos ao final de atividades diárias a escolherem e avaliarem os itens que foram mais estimulados.

Também utilizamos no pré e pós-Olipet o IDE para escolha e formação de equipes para as atividades e jogos cotidianos. Várias propostas de formação de equipes podem ser feitas pelos educadores, mas quando deixado a cargo dos próprios educandos escolherem prevalecem as afinidades de relacionamento ou as habilidades técnicas. Com o uso do IDE – que como instrumento de acompanhamento pode mudar de tempos em tempos para cada educando -, temos um referencial para a formação de equipes equilibradas sem desconsiderar os aspectos anteriormente citados.

Resultados

Os jogos da XII OLIPET não terminaram todos empatados. Não é isso que significa a questão do equilíbrio nos jogos, mas em oferecer condições mais igualitárias de oportunidades de desenvolvimento e do conseqüente resultado em uma competição. Constatamos na prática que isso ocorreu. Mesmo sendo uma novidade para todos, educandos, técnicos, educadores e mediadores, o sentimento de frustração que normalmente cerca uma derrota foi parcialmente substituído por um sentimento de que a vitória é possível, de que o desafio de melhorar e vencer pode ser atingido. Algumas frases de educadores das instituições participantes registradas no questionário de avaliação da XII OLIPET apontam esse resultado:

“O fato de elas terem tido o poder de decisão na escolha das atividades e participarem ativamente da construção do IDE foi muito interessante, pois assim o evento teve mais significado para elas. Para as educandas, o objetivo era também jogar e ganhar, mas percebi que elas valorizaram bastante as trocas com as outras instituições.”

“A nossa participação no GIII com o IDE, sim, salientou a questão dos valores coletivos.”

“Idéia fantástica para responder as demandas do tema.”

“Um novo desafio que no fim ajudou na Organização.”

“Grande estratégia para reflexão dos alunos pensando como grupo.”

“Possibilitou uma maior troca de ideias entre educandos e educador em relação às estratégias a serem utilizadas e à organização. Um grande desafio a todos.”

“Grande estratégia para reflexão dos alunos para uma auto avaliação, mesmo com ou sem retorno do educador (compartilhada).”

“O sistema ajudou no desenvolvimento e participação dos educandos, dando mais oportunidades dos jovens participarem e desenvolverem seus potenciais.”

Outros registros também apontam o uso mais contínuo ou a necessidade desse uso:

“Para as educandas, os educadores relataram a retomada dos IDEs (individual e coletivo) posteriormente, questionando-os e trazendo novos referenciais de outras equipes, ampliando a visão que têm de si mesmas.”

“Acho que os instrumentos foram coerentes, mas, principalmente no GII, a questão do IDE ficou um pouco complicada. Na própria instituição a avaliação individual foi tranqüila, mas quando chegamos ao evento, vimos que o IDE de uma instituição por exemplo, não era o mesmo da outra, o que fez com que algumas equipes ficassem bem mais estruturadas. Talvez seja interessante estabelecer da próxima vez alguns critérios em comum para a escolha do IDE, pois assim as diferenças entre as instituições serão minimizadas.”

“O IDE individual é muito bom para aplicar durante alguns eventos no decorrer do ano e o IDE coletivo foi uma forma muito bacana para o grupo se auto avaliar.”

O encontro de avaliação da XII OLIPET comprovou que as instituições buscam instrumentos de acompanhamento e avaliação mais significativos e reais para os educandos e indicou para um compromisso de incluir nos planejamentos institucionais a discussão do IDE e a importância desse instrumento adaptado às necessidades locais.

Conclusões finais

Equipes equilibradas têm inicialmente as mesmas condições de vencer um jogo. Poderíamos até dizer que, dessa forma, o jogo seria mais justo. O vencer não seria tão fácil e não existiria uma equipe com chances de vitória nitidamente superiores. Assim, cada equipe procuraria estratégias diversificadas para alcançar o objetivo final do jogo.

O maior desafio promovido pela competição entre equipes equilibradas, a conseqüente motivação e o maior entendimento do jogo alcançado pela prática podem ser fatores que influenciam a continuidade da prática esportiva.

Além disso, o exercício cotidiano de escolha de equipes equilibradas promove: senso de justiça; convivência com diferenças e semelhanças (referente a habilidades, personalidades, etc.); busca pelo entendimento do jogo (de forma tática).

Complementando, o uso de um instrumento de acompanhamento e avaliação que permita ao educando compreender mais concretamente seu desenvolvimento e interagir quer com o

instrumento quer com sua própria evolução também nos parece um fator fundamental para que a prática esportiva torne-se mais consistente ao longo da vida.

Referências bibliográficas

FREIRE, T.A. ; MONTEIRO, C. ; LEMOS, R. F. . Competências para competir: a competição como ferramenta de formação. In: Congresso Internacional de Jogos Desportivos: olhares e contextos da performance. Da iniciação ao Rendimento, 1., Porto, 2007. Actas... Porto: Centro de Estudos de Jogos Desportivos/Faculdade de Desporto/Universidade do Porto, 2007. [CD-ROM].

A Utilização do Índice de Desenvolvimento Esportivo em turmas de 13 a 15 anos

Alan Rizério da Silva Oliveira, graduando Instituto de Psicologia USP

PRODHE/PET

O trabalho do PET tem como uma forte característica a ênfase no desenvolvimento psicossocial dos participantes do projeto, muito além do puro desenvolvimento esportivo.

Pensando nessa ênfase, podemos citar uma atividade prática realizada no grupo Unidos (13 a 15 anos), que intercede no grupo com o intuito de estabelecer uma relação de reflexão nos educandos a respeito das práticas do mesmo nas atividades.

No grupo foram realizadas reflexões a respeito da utilização do IDE (índice de desenvolvimento esportivo). O IDE é um instrumento pedagógico e avaliativo criado pela equipe do PET/PRODHE com o intuito de gerar auto reflexão e auto-conhecimento de seus educandos, tanto quanto aos aspectos de rendimento esportivo específico de uma determinada modalidade como de posturas e comportamentos gerais perante o grupo. O IDE consiste em um questionário com perguntas a respeito de como a pessoa desempenha uma determinada modalidade ou situação, nos mais variados aspectos, desde o aspecto técnico, ao tático, ao nível de concentração conseguida na atividade, bem como comprometimento e relacionamento com o grupo. A pontuação em cada pergunta no

questionário é graduada em 3 possibilidades, sendo a 1 a de avaliação mais negativa e a 3 a mais positiva naquele quesito. Somando-se a pontuação em cada quesito chegava-se a uma pontuação geral do IDE, que podia ser relativa tanto as competências esportivas gerais quanto como a uma modalidade específica. De acordo com essa pontuação, estipulamos o índice geral do educando, que de acordo com a faixa de pontuação pode variar de 1 (pouco desenvolvido) á 3 (bastante desenvolvido).

Essa avaliação foi utilizada para classificar o grupo entre os mais e menos desenvolvidos numa determinada modalidade, através da auto avaliação dos educandos. Com esses dados, foi estipulado uma pontuação máxima dos valores de IDE em quadra para ser utilizada na Olipet (Competição organizada pelo PET/PRODHE com muitas instituições). Nesse caso, o IDE foi utilizado com uma intenção auto-avaliadora dos educandos e com o intuito de deixar a competição mais disputada, já que seria possível ter times disputando a competição com números de educandos em campo ou em quadra diferentes, de acordo com a pontuação do IDE geral do time. Times teoricamente mais fracos (com IDE individuais dos educandos baixos) poderiam ter mais atletas no jogo, em campo ou em quadra.

Podemos fazer agora algumas reflexões a respeito das possibilidades de percepção dos educandos e do grupo através do IDE bem como suas possibilidades de intervenção.

Algo notável de ser percebida é que o IDE, sendo utilizado na forma de auto avaliação, como no caso do grupo de 13 a 15 anos do PET/PRODHE, permite aos educadores e ao grupo todo ter um parâmetro maior de como é a auto-percepção de um educando em relação a uma determinada modalidade, ou dependendo do caso, qual é o desejo da percepção que o grupo tenha de si. De acordo com diversos fatores, seja de personalidade seja de relacionamento no grupo ou tais fatores combinados, em um determinado educando, há avaliações coerentes com o nível esportivo e que são corroboradas pelo grupo e há outras avaliações que se manifestam discrepantes com um consenso do grupo ou percepção do educador. O IDE, portanto, pode ser utilizado como um parâmetro de maior consciência do educando quanto as suas reais características e potencialidades e quanto a desempenhos que podem ter maior evolução, mas que não são percebidas pelo educando de maneira condizente com sua real capacidade. Sugeriu-se no grupo, num momento posterior a Olipet,

que através do desempenho na competição e de discussões de grupo, se re-avaliasse o IDE individual de cada um nas modalidades. Temos o intuito mostrar que o IDE pode ser usado como um instrumento constante de avaliação, dado que ao longo do processo educativo há desenvolvimento e melhor da percepção de si mesmo nos educandos, seja em habilidades individuais, seja uma percepção de seu desempenho e relacionamento num grupo.

Outra questão bastante presente com relação à utilização do IDE, e que se tornou muito presente principalmente devido a Olipet, foi a percepção da importância de qual base de comparação deverá ser tomada para as respostas no questionário. O grupo, naturalmente, quando se auto-avaliou, tomou como base o próprio grupo como parâmetro comparativo. Podemos exemplificar para ficar mais claro como essa questão é bastante crucial. Se a equipe de 13 a 15 anos do PET fosse disputar uma competição de basquete com times de crianças de 8 a 10 anos, seria muito mais natural uma quantidade de educandos se avaliarem com um IDE maior, pois comparativamente teriam mais habilidades, da mesma forma que o IDE deveria ser um tanto menor de maneira geral se tomássemos como parâmetro uma competição em que disputaríamos com times profissionais. Assim, numa equipe da Olipet, em que o nível geral de jogo do grupo era mais elevado do que uma outra equipe, era normal um educando de IDE 1 da primeira ser melhor do que o IDE 1 da segunda e assim por diante. Essa é uma discussão que pode ser levantada para o próprio grupo, tanto no sentido de mostrar o quão importante é esse valor comparativo nas habilidades de cada um ou do grupo, quanto no sentido de possibilitar novas propostas de intervenção nas futuras competições com o intuito de considerar tal variável.